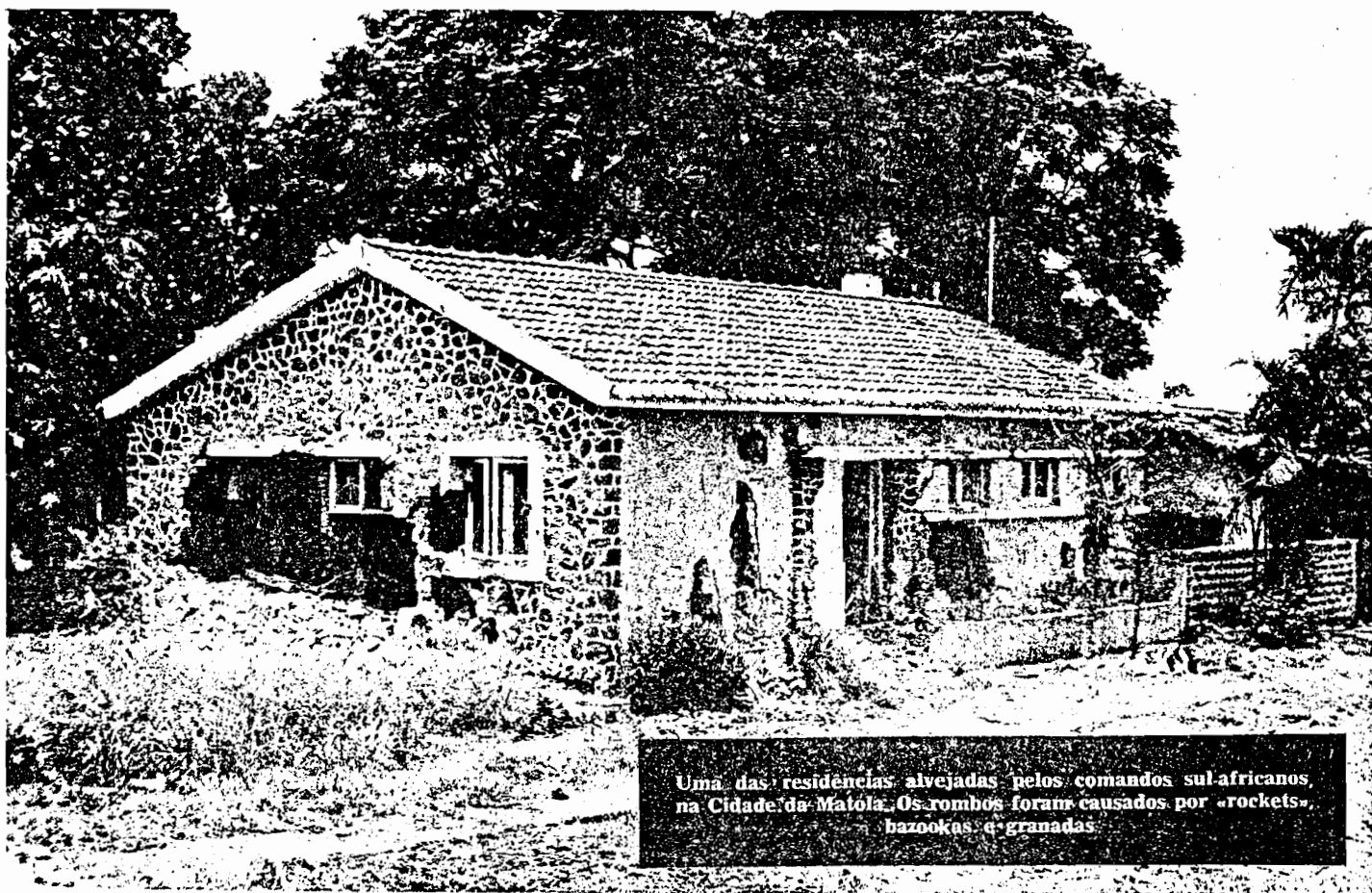


Ataque Sul-Africano a Moçambique

A agressão do desespero

[According to
"C. P. Dwyer" these
were part of a number
structures for Hamad
20/7/90]



Uma das residências alvejadas pelos comandos sul-africanos, na Cidade da Matola. Os rombos foram causados por "rockets", bazookas e granadas.

Texto de:
Arlindo Lopes

Fotos de:
Danilo Guimarães
e Carlos Calado

O ataque realizado, na semana passada, pelos comandos sul-africanos a três residências de refugiados do ANC da África do Sul, na Matola, manifesta o desespero de um regime historicamente condenado.



Membros do Corpo Diplomático, que visitaram os locais atacados acompanhados pelo Ministro de Estado na Presidência, Coronel José Oscar Monteiro, escutam informações sobre o material capturado e outros dados sobre a agressão sul-africana

Sexta-feira, 30 de Janeiro. Pela madrugada, a população da Matola é subitamente acordada por um intenso tiroteio de armas de fogo, acompanhado por violentas explosões. Devia ser 1 hora e 30 minutos. E, até ao amanhecer, muitos poucos se apercebem do que estava a suceder naquela área do Grande Maputo.

Estes poucos cidadãos são os que vivem perto de três residências, situadas no Bairro de Hanhane e na Cidade da Matola, onde se alojavam refugiados, membros do Congresso Nacional Africano, da África do Sul. São três residências, de um ou dois pisos, tal como muitas outras daquela zona residencial.

Estes, foram os alvos de uma agressão realizada por um grupo de comandos sul-africanos. Após violarem as fronteiras da República Popular de Moçambique, os agressores chegaram à Matola transportados em veículos militares semelhantes aos das Forças Armadas Moçambicanas (FPLM).

José Martins, residente no Bairro de Hanhane, testemunhou o ataque a uma das residências: «Foi uma barbaridade!»



Segundo um motorista que cruzou com a coluna invasora, na Avenida da Namaacha, pouco antes da saída da Matola em direcção à fronteira, aquela era composta de cinco viaturas: duas dirigiram-se para o Bairro de Hanhane, outras duas tomaram a direcção contrária, para a Cidade da Matola e uma terceira seguiu em frente, rumo à auto-estrada, próximo da qual estacionou. Passavam poucos minutos da uma hora. Pouco de-

pois, toda a gente pôde ouvir o que aconteceu.

AUTÊNTICA BARBARIDADE

«Fui acordado pelo barulho de um camião que, ao fazer uma manobra perto da minha casa, derrubou um muro», recorda José Martins, que mora em frente a uma das casas atingidas, no Bairro de Hanhane. Conta, ainda, ter visto vários homens fardados, que fa-

lavam inglês. «Ainda fixei alguns nomes — John, Jimmy — com que se tratavam», diz.

Antes de actuarem, cortaram os fios telefónicos de algumas casas vizinhas. Em seguida, descarregaram sobre a penúltima casa da Rua Fernando Pessoa quanta metralha, «bazooka» e granadas traziam. As explosões foram tão violentas que a vidraça das casas vizinhas ficou toda quebrada. E, quando o alvo estava praticamente arruinado, entraram com pistolas metralhadoras e completaram o seu «trabalho».

«Nessa altura — acrescentou José Martins — disparavam em todas as direcções. Estive quase para ser atingido e resolvi, com a minha mulher, descer até ao rés-do-chão e protegermo-nos debaixo das escadas. Uma autêntica barbaridade, que só acabou cerca das 2.20 horas.»

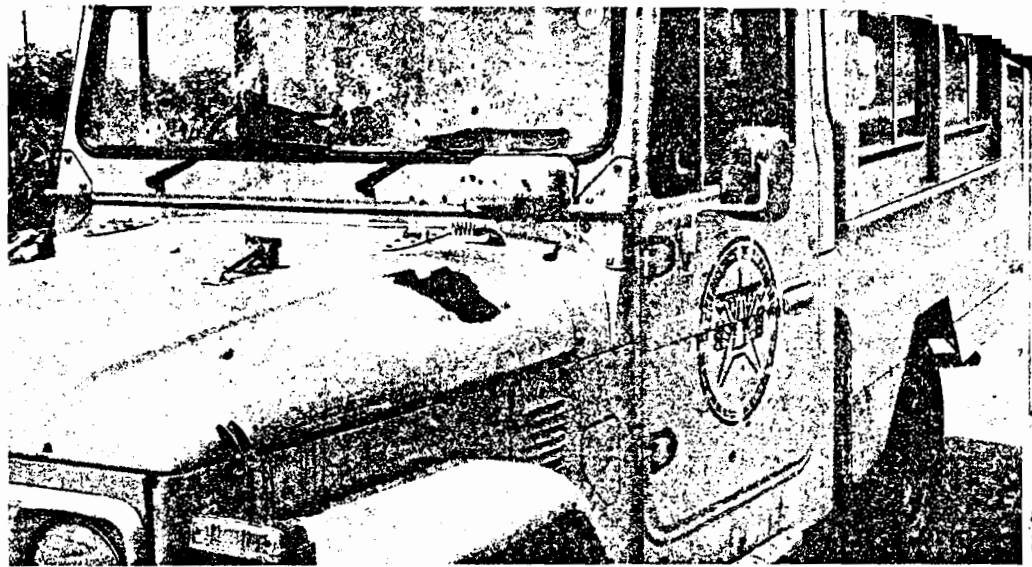
O que aí fizeram os comandos sul-africanos foi, no dia seguinte visto por jornalistas nacionais e estrangeiros, pelo corpo diplomático, entre outras pessoas. Cadáveres de seis refugiados, completamente crivados de balas, jaziam ainda nas instalações semidestruídas da casa. Um deles — que nos pareceu ser de uma mulher — estava escondido num armário detrás da porta da casa de banho.

NAS OUTRAS RESIDÊNCIAS

Ao mesmo tempo, numa outra casa situada perto da Estação de Elevação de Água da empresa Electricidade de Moçambique, na Cidade da Matola, as explosões e o tiroteio repetiam-se, tendo sido assassinados dois refugiados.

Enquanto isso, numa terceira residência, na zona mais baixa da Cidade da Matola, em direcção às salinas, a agressão assumia outra forma. Apesar de ali terem concentrado a sua maior atenção, procurando, ao que parece, evitar a destruição total da casa antes de tentarem apanhar as pessoas, os invasores foram surpreendidos pela intervenção das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) que os obrigou a recuar precipitadamente, com algumas baixas.

Mas antes, assassinam três refugiados, a quem cortaram, depois, as orelhas para levarem como troféus para a RSA. Na sua fuga pre-



Portmensor da viatura da Electricidade de Moçambique, atacada pelos comandos sul-africanos

O malogrado técnico cooperante português, José António Monteiro Ramos, de 59 anos, foi assassinado pelos comandos sul-africanos numa barreira que tinham montado na Avenida da Namaacha.

Entre as 1,30 e as 1,45 horas regressava a casa, na Matola, depois de ter estado ausente, em serviço na área de Marracuene, onde esteve a reparar uma linha avariada, devido ao mau tempo.

“Era um excelente funcionário, profundo conhecedor da sua profissão, o mais especializado trabalhador que tínhamos, no seu sector” — eis como o considera o director da SONEFE, onde se encontrava afecto. E, de acordo com os seus colegas Andrade Gomes e José Munguambe, ele era um trabalhador exemplar, sempre pronto para qualquer serviço. “Apesar da sua idade, nunca se escusou a uma tarefa para que fosse solicitado, a qualquer hora do dia ou da noite”.

Jose A. Monteiro Ramos residia em Moçambique há muitos anos, tendo-se fixado na Matola. Deixou esposa e dois filhos, já adultos um dos quais é igualmente trabalhador da SONEFE.

citada, os comandos abandonaram o corpo de um soldado, abatido pelas FPLM. Era um comando de raça branca, pintado de negro na cara e nas mãos para se camuflar. Vestia uma farda de camuflagem semelhante à das Forças Armadas Moçambicanas e trazia ainda o seu próprio armamento e equipamento, incluindo um rádio emissor-receptor que permaneceu ligado todo o dia de sexta-feira.

A avaliar pelas provas deixadas

no terreno, os agressores sofreram, segundo fontes militares, pelo menos seis baixas. Baseando estas afirmações, estavam grandes poças de sangue, em diversos locais, na área dos combates, assim como equipamentos (cinturão, carregadores, granadas, etc.) quase completos, de cada um e que foram separados dos seus portadores à faca. Havia, ainda, sinais de que tais pessoas — mortas ou feridas — foram arrastadas para as viaturas.

As FPLM capturaram também capacetes, rádios receptores-transmissores, granadas, flutuadores, munições e outro equipamento. Todavia, antes da retirada, os comandos sul-africanos, conseguiram ainda abandonar nos três locais, explosivos, granadas e minas (tudo armadilhado) mais tarde neutralizados pelos especialistas das Forças Armadas de Moçambique.

Mas a acção criminosa dos agressores não terminou nas três casas onde viviam refugiados sul-africanos. Em plena estrada Maputo-Matola, um pouco antes do desvio para o Bairro do Fomento, eles tinham feito uma emboscada, onde assassinaram o técnico cooperante português, José António Ramos, da «Electricidade de Moçambique». Estava de regresso a casa, na Matola, entre as 1.30 e as 1.45 horas, depois de uma missão de serviço em Marracuene.

Segundo uma testemunha ocular, os comandos mandaram parar a viatura da empresa, em que o técnico viajava sozinho e, dispararam à queima-roupa. O sadismo



O Major-General, Tomé Eduardo, Comandante das Tropas Guarda-Fronteiras, observa um mapa de operações do comando sul-africano, capturado juntamente com outro material, na Matola

Parte do material abandonado num dos locais da agressão, compreendendo porta-granadas e porta-carregadores



Salvou-se por pouco...



O condutor de táxi, José Mutemba, testemunha ocular do assassinato do técnico português, conseguiu escapar-se dos agressores sul-africanos após terem alvejado a sua viatura

Escapando ileso das rajadas que foram disparadas contra a sua viatura por comandos sul-africanos, José Francisco Mutemba, motorista da Rádio-Táxi, assistiu ao assassinato do trabalhador de nacionalidade portuguesa ao serviço da empresa Electricidade de Moçambique.

«Cerca das 2 horas da manhã, — conta Mutemba — fui levar dois passageiros à Matola e, na zona da Tudor, vi um camião militar estacionado, meio escondido, e pensei que fossem as nossas forças. Prossegui viagem até ao destino dos passageiros.»

Depois, aquele trabalhador da empresa Rádio-Táxi recebe ordens da central de comunicações da empresa para ir buscar outros passageiros na 10.ª Esquadra da Polícia da Machava. Foi nesta viagem que tudo aconteceu.

«Já próximo da auto-estrada, verifiquei que havia disparos, de tal maneira que o céu estava iluminado. As balas pareciam vir dos lados do Bairro Hanhane. De repente, apercebi-me que um camião militar vinha atrás de mim e disparava. Primeiro pensei que fossem as FPLM, talvez em instrução. Mas depois vi que atiravam contra mim. Acelerei mais, e como a minha viatura é pequena e é a gasolina, deixei-os um pouco longe.

«O meu objectivo era chegar onde vi o pri-

meiro camião, na ida, pensando que era das nossas forças — prossegue José Mutemba. Porém, já muito perto do primeiro camião os homens que estavam aí abriram também fogo contra mim. Os que vinham em perseguição pararam a viatura, mas continuavam a disparar.

«Já estava muito próximo deles. Baixei a cabeça e travei com as mãos no pedal do pé. Fiquei quieto assim por algum tempo. Eles também pararam de disparar, talvez pensando que estava morto. Pouco tempo depois levantei um pouco a cabeça para ver e verifiquei que do lado de Maputo se aproximava uma viatura Land-Cruiser. Os homens da frente deixaram aquele carro aproximar-se e começaram a disparar. O condutor tentou fugir, mas caiu de frente, morto. Eles continuaram, mesmo assim, a disparar contra ele e contra a viatura.»

Mutemba conta que nesta altura, apercebendo-se que estavam mais concentrados no homem do Land-Cruiser, abriu a porta e começou a rastejar, fugindo em seguida em direcção ao Cinema 700.

Nessa altura, segundo esta testemunha ocular, encontrou uma viatura da PESCOM, da marca Volkswagen. Mandou-a parar e contou aos seus ocupantes o que se passava, após o que pediu boleia para o regresso.

dos criminosos estava patente na própria viatura, que ficou crivada de balas, desde o pára-brisas ao motor.

Muito próximo do local, encontrava-se estacionada uma viatura da empresa «Radio-Táxi» com um pneu furado e 1 marca de uma bala no pára-brisas. O motorista deste carro escapou por pouco de uma morte certa, conforme se pode ler noutra local desta reportagem.

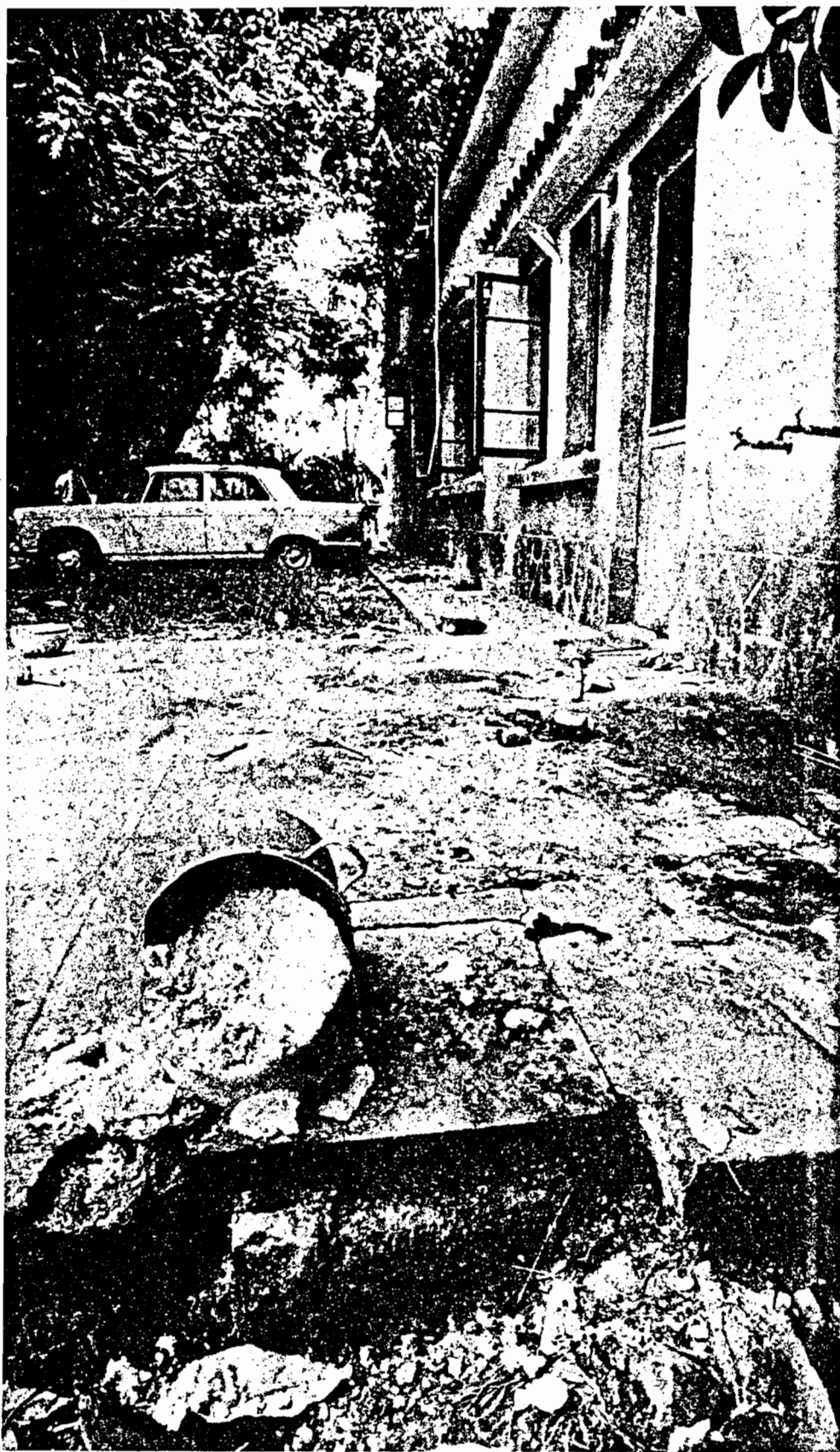
A barbaridade da acção dos comandos sul-africanos apenas encontra paralelo nos métodos nazis, ou mais recentemente, do exército agressor norte-americano no Vietname. Não é por acaso que, nos capacetes capturados, figura sempre a «Cruz Gamada» de Hitler, e a palavra de saudação principal nazi «Sieg Heil».

CHOQUE E ÓDIO

O ataque às residências dos refugiados sul-africanos na Matola e a sua bárbara actuação causaram um grande choque sobretudo nos residentes daquela área do País. A maior parte deles viveu horas de amargura e terror naquela madrugada, debaixo de um tiroteio intenso e explosões violentas. Testemunhas referem igualmente que, durante a agressão, o céu manteve-se iluminado como se fosse dia, devido aos foguetes que os invasores disparavam para o ar, a fim de vigiarem os movimentos na zona.

Mas o que mais chocou toda a gente e fez nascer ódio contra os agressores foi a extrema violência e a força destruidora que usaram as tropas de elite sul-africanas, contra pessoas desarmadas e residências vulgares. Porquê tanta barbaridade? A justificação dada pelo chefe do exército sul-africano sobre esta acção baseia-se no que considera ser a existência de «informações irrefutáveis» segundo as quais aquelas eram «bases de terror» contra a África do Sul.

Em declarações prestadas à imprensa, na África do Sul, Constant Viljœn afirmou que o seu regime tinha «provas indiscutíveis» de que os ataques, no ano passado, às instalações petrolíferas da SASOL, assaltos a bancos e esquadras policiais sul-africanas, por combaten-



Parte traseira de uma das residências, na Cidade da Matola, onde foi encontrado o cadáver do comando sul-africano abatido. Pelas várias poças de sangue, equipamento abandonado e outras marcas evidentes no local, calcula-se que mais cinco dos agressores tenham sido abatidos, embora a África do Sul tenha anunciado apenas a morte de dois sargentos

CONDENAÇÃO INTERNACIONAL

- Em Berlim, na República Democrática da Alemanha, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, afirmou que a África do Sul mais uma vez infringia a Lei Internacional, levando a cabo a agressão contra o território de um Estado independente e soberano e que a sua acção ameaçava seriamente a paz mundial.
- Seán McBride, presidente da Comissão Internacional de Inquéritos aos Crimes do «Apartheid» enviou mensagens ao Marechal Samora Machel, declarando que a Comissão apelaria às Nações Unidas para tomar medidas urgentes para proteger os povos de Moçambique, Angola, Zâmbia e Namíbia dos ataques terroristas e crimes sistemáticos organizados pelo regime sul-africano. Endereçou também mensagens de condenação ao secretário-geral da OUA, Edem Kodjo, ao presidente do Movimento dos Não-Alinhados Fidel Castro e ao presidente do Parlamento Europeu, Simon Veil.
- O Ministério dos Negócios Estrangeiros de Cuba, publicou uma declaração de repúdio, apelando à condenação internacional.
- A missão permanente do ANC em Dar-es-Salaam, na Tanzânia, condenou a violação territorial e exprimiu a sua resolução em prosseguir com a luta contra o regime racista.

- Edem Kodjo, secretário-geral da OUA, enviando uma mensagem ao Marechal Samora Machel, declarou que a organização continuará a apoiar toda a acção que vise intensificar a luta pela libertação do continente africano. Diariamente, são recebidas mensagens de países e organizações internacionais condenando o ataque sul-africano às residências dos refugiados do ANC.
- O Governo da República Popular e Democrática da Argélia, que exorta ainda a todos os países africanos a mobilizarem todas as suas forças contra o regime da África do Sul.
- O Partido Comunista Português, que declara ser intenção do regime sul-africano a desestabilização da situação, sabotando os esforços de reconstrução nacional e dificultando a expressão da sua solidariedade política e material com a SWAPO e o ANC.
- O governo da República Islâmica do Paquistão, declarando ainda que a comunidade internacional deveria tomar medidas contra Pretória.
- O Governo do Reino do Lesotho, que acusa o regime sul-africano de impedir os povos africanos de apoiarem os seus irmãos e irmãs vítimas do odioso sistema do «apartheid» no seu país.
- Nas Nações Unidas, o secretário-geral, Kurt Waldheim, afirmou ser o ataque sul-africano uma séria violação da integridade territorial de Moçambique.

Espalhar o terror para esconder o medo

ÀS 18.00 horas do dia 29 de Janeiro uma emissão sul-africana anunciava a existência de confrontações armadas entre uma suposta força da resistência moçambicana e as Forças Populares de Libertação de Moçambique. Matola-Hanhane e cidade da Matola tinham sido escolhidos como campo de batalha.

A uma e meia do dia seguinte intensas bazooçadas, explosões de morteiros e tiroteio davam sinal da presença de comandos sul-africanos nos locais onde a rádio da RSA anunciara haver confrontações. Os alvos dos ataques são três residências de refugiados do ANC. Onze destes são barbaramente assassinados, as suas residências impiedosamente destruídas. Um cooperante português é morto.

Graças à pronta resposta das Forças Populares, o comando abandona o terreno, deixando dois cadáveres.

ÀS 18.00 horas do dia 30 (dia da agressão) a rádio RSA confirma o ataque, na boca do general Constance Viljoen. Este afirma, categoricamente, que as suas forças atacaram «bases do ANC». Segundo ele, estas «bases» foram o ponto de partida para as acções de guer-

rilha do ANC, nomeadamente o ataque às instalações petrolíferas da SASOL.

II

Eis três pontos fundamentais de uma história que gravita à volta de um processo complexo. Basicamente, ela não traz elementos novos destacáveis na sua configuração táctica:

Uma manobra de diversão a preceder a operação, um ataque relâmpago e finalmente o mesmo e habitual pretexto de perseguição aos guerrilheiros. Táctica que foi também utilizada pelos rodesianos.

O que é inédito nesta edição é a escolha do alvo para a operação.

Tomados do ponto de vista puramente militar, os crimes cometidos pelo comando sul-africano (morte de um grupo de refugiados jovens) não justificam os riscos que estes tiveram ao introduzirem-se em território estrangeiro num raio de 100 quilómetros.

Se quisermos contextualizar esta operação e dar-lhe o seu verdadeiro sentido, torna-se forçoso recorrer aos antecedentes mais próximos.

No plano interno, algo de quase surpreendente nos detém: as eleições antecipadas anunciadas por Peter Botha. Estas eleições gerais terão lugar, segundo o anúncio de Botha, no próximo dia 29 de Abril, isto é, precisamente dentro de três meses.

Tal como indica o nosso correspondente em Joanesburgo, Hennie Serfontein, «Botha está a



Alguns dos «rockets» capturados, após terem sido rebentados pelas FPLM

criar um clima psicológico para ganhar um mandato branco com uma estratégia de combate duro contra a investida total do marxismo contra a RSA».

O mesmo correspondente diz-nos que a declaração de Botha foi precedida por uma exposição dramática sobre uma suposta detenção de um «espião russo».

É certo que entre o eleitorado branco sul-africano, Moçambique, Angola e outros países são vistos como um canal de passagem livre para a «investida total do marxismo» e para a «ameaça soviética».

Peter Botha está a enfrentar uma situação melindrosa no país. Desacreditado pela ala ultra-direitista (a que tem maior peso no poder racista) pelas suas «concessões», Botha pretende com estes actos mostrar aos seus adversários que tais «concessões» apenas se limitam a questões secundárias, mas que, na sua essência, o poder sul-africano permanece o mesmo e inalterado. Botha quer, em última instância, reconquistar a confiança dos ultradireitistas para se manter estável, no poder.

O papão da ameaça comunista é o drama de uma boa parte do eleitorado branco sul-africano. Para ele, o «filho querido» é aquele que ponha termo a esta «ameaça».

III

A África do Sul deseja, agora, que o mundo tome a África Austral e, particularmente, o

tes do ANC tinham sido planeados em «esconderijos existentes em Maputo e lançados a partir daí».

O Governo moçambicano convidou, no dia 30, o corpo diplomático e correspondentes da imprensa estrangeira a visitar aquilo que o regime da África do Sul considera bases «terroristas». «Creio que ninguém mais tem dúvidas, depois desta evidência», segredou-nos um acompanhante do grupo.

Ao longo do dia 31 e seguintes, jornalistas de televisão e cinema de nacionalidade holandesa, sul-africana e inglesa chegaram a Maputo, provenientes da África do Sul e do Zimbábue a fim de verem com os próprios olhos e registarem para as cadeias de televisão de que são correspondentes (BBC, UPITN, ARGUS AFRICA NEWS), as informações que obtiveram nos locais da agressão.

nosso país como zona insegura para investimentos. Criar um ambiente de dúvida e falta da confiança indispensável para a realização de investimentos para o desenvolvimento económico regional.

No plano internacional, um importante e marcante antecedente é o sucesso da Conferência de Coordenação e Desenvolvimento da África Austral.

Moçambique desempenhou um papel importante nesta conferência. A ideia de pôr fim à hegemonia económica sul-africana na zona foi fortemente defendida pelo nosso país, juntamente com os outros.

IV

Torna-se igualmente importante referir a questão namibiana, que tem muita influência na atitude de Pretória. Depois da fracassada conferência de Genebra e do anúncio da intensificação da luta armada, Pretória pretende que os países africanos abandonem o seu papel de retaguarda do movimento de libertação, através de actos de intimidação.

Contudo, o nosso Povo, tal como aconteceu durante a luta de libertação nacional no Zimbábue, mantém-se solidário com a luta dos Povos da África do Sul e da Namíbia e não vacila na sua opção socialista.

Ao espalhar o terror, o regime de Botha pretende apagar os sinais evidentes da sua própria decadência.

JOVITO NUNES